

EDUCAÇÃO E FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO*

Ruben G. Nunes**

O tema de hoje é EDUCAÇÃO E FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO. Proponho desdobrar nossa conversa em 2 partes.

Na primeira, vou colocar uma pergunta que muitos de vocês devem estar se fazendo: O QUE É FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO? Aqui, teremos um mini-histórico sobre a Filosofia da Libertação, sobre o seu surgimento no Brasil, incluindo uma cópia da CARTA DE GRAMADO, documento que traça as linhas gerais da práxis da libertação no Brasil, e, ainda, alguns pressupostos básicos. Na segunda parte, abordarei a ligação entre a Educação e Filosofia da Libertação, em termos amplos, apontando algumas categorias básicas para uma metodologia libertadora.

QUE É FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO

1.1. HISTÓRICO

A Filosofia da Libertação é uma corrente de pensamento dos nossos dias. Mas seus antecedentes são mais antigos do que a filosofia moderna européia.

Com efeito: o ponto de partida da modernidade se situa de 68 para cá, quando foi publicado as REGRAS PARA A DIREÇÃO DO ESPÍRITO, de Descartes; e, em seguida, o DISCURSO DO MÉTODO, de 1637, e as MEDITAÇÕES METAFÍSICAS, 1641, obras também cartesianas. Já o ponto de onde vão-se originando os antecedentes históricos da Filosofia da Libertação se situa entre 1492-1500, nas viagens de Colombo e Cabral ao Novo Mundo, iniciando-se aí o processo histórico de colonização. Em outras palavras: a partir

* Conferência proferida na VI SEMANA DE FILOSOFIA DE MOSSORÓ, a convite da SEAF, no dia 05/05/89.

** Professor do Dep. de Filosofia da UFRN-Natal.

de tal processo histórico de colonização se pode localizar o desenvolvimento de uma dialética explícita do senhor e do escravo, cujas correlações de forças irão fomentando, gradativamente, a práxis da libertação. É sintomático, por exemplo, que o poder europeu colonizador, já em 1522, cem anos antes do surgimento do espírito da modernidade com Descartes, tenha fundado as Universidades do México e de Lima, para impor ao colonial a sua cultura. Assim, ainda no início da colonização, os dominadores, através da Educação, repassam para os povos da periferia a sua Totalidade Ontológica, os seus valores, a sua cultura imperial como sendo a única verdadeira e absoluta. É a invasão do ONTOS IMPERIAL escudado nas armas da Coroa, na inquisição tomista e na ontologia de Parmênides: "O Ser é, e o Não-Ser não é" - cujo significado é claro: O Ser (o colonizador) é, e o Não-Ser (o colonizado) não é, ou seja, é *nada*.

Portanto, o "EU DOMINO, POR ISSO EXISTO" dos Impérios Europeus (dominato imperial) antecede para nós, em pelo menos 1 século, o "EU PENSO, LOGO EXISTO" de Descartes, premissa-chave da racionalidade modernista.

Nesses antecedentes históricos, verifica-se que a dominação se efetiva por duas vias: pela força material das armas e pela força da razão, ambas unidas pela absolutização da fé. Assim, ao domínio do espaço geográfico e político, segue-se o domínio da Razão. É a "lavagem cerebral histórica": a nossa ALTERIDADE, nossos universais, nossas verdades, nossos valores, nossa cultura vai sendo paulatinamente dissolvida pela TOTALIDADE ONTOLÓGICA européia. Na realidade, houve uma autêntica "castração cultural", um "racional" processo produtor de "falsas-consciências", um desvario antropológico da "modernidade", movidos primeiro pela usura do mercantilismo, depois pela hiperusura do capitalismo nascente. Houve não só a violentação histórica contra a civilização ameríndia dos maias, aztecas, incas, etc. Houve, também, um "aborto histórico", um filicídio antiedipiano, contra os colonos de segunda e terceira geração, raça dialética, mesclados de sangue europeu, índio e negro, impedi-

dos de desenvolver essa rica síntese de valores culturais. Assim, a educação aculturada vai formando uma elite colonial que a seu turno vai ajudar, vai gerenciar, vai intermediar, vai reproduzir essa dialética do senhor e do escravo, esse processo de exploração e colonização, verdadeiramente devastador.

Desta forma, e em rápidas pinceladas, temos aí os antecedentes históricos, as contradições político-econômico-culturais que vão fermentar as forças que deram origem à Filosofia da Libertação.

O surgimento formal e contemporâneo da Filosofia da Libertação vai-se dar somente há 17 anos, em 1972, na cidade de Córdoba, Argentina. Isso foi durante o II Congresso Nacional de Filosofia Argentino, a partir de "*um compromisso prático de um grupo de pensadores, professores universitários de algumas faculdades de filosofia nacionais, que já suportavam o peso de sua primeira violenta perseguição política, por causa de sua posição crítica mas ao mesmo tempo realista quanto ao ponto de partida de sua reflexão.*"¹

Para se ter uma idéia do nível de consciência orgânica e determinação de luta desses filósofos argentinos, basta dizer que num plano de educação montado por eles para a transformação da Argentina num "país popular", havia um "aparato hegemônico filosófico", no qual a filosofia era definida "como uma teoria-instrumento da libertação popular."²

Embora a formalização da Filosofia da Libertação tenha-se dado, como dissemos, há 17 anos, em 1972, já nos anos 50-60, em toda a América Latina, começam a surgir movimentos populares nacionalistas, como uma primeira forma da consciência crítica-ativa em gestação. Lembremos que foi a época da Revolução Cubana, 1959, fato político que muito estimulou a maturação de idéias e méto-

1. Enrique D. DUSSEL, *Filosofia da libertação na América Latina*, p. 195.

2. Idem, *ibidem*, p. 232.

dos da libertação - na verdade funcionou como uma aula viva sobre a práxis da libertação.

Atualmente, as reflexões de maior influência, tanto no campo teórico, quanto no campo metodológico, encontram-se na obra do professor-filósofo ENRIQUE D. DUSSEL, argentino, exilado no México. Entre dezenas de outros pensadores que trabalham nessa linha da libertação, citamos: SERRANO CALDERA, da Nicarágua, LEOPOLD ZEA, do México, ANDRES ROIG, na Argentina, OLINTO PEGORARO, no Brasil.

1.2. FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO NO BRASIL

No Brasil, durante o III Encontro Nacional de Filosofia, realizado de 3 a 8 de setembro, em Gramado, RS, e patrocinado pela ANPOF, um grupo de professores, que já trabalhavam, dispersamente, na linha da libertação, resolveram juntar esforços, trocar idéias e práticas, e, tanto quanto possível, disseminar a Filosofia da Libertação de modo mais organizado. Diversas tarefas foram delineadas como compromisso: fundação de núcleos de filosofia latino-americana, organização de seminários regionais, encontros nacionais e internacionais e manutenção de correspondência.

Para tanto, redigiram uma espécie de base estatutária consensual - A CARTA DE GRAMADO* - onde definem seus compromissos e objetivos.

Vários centros de estudos estão em funcionamento, no Brasil, principalmente no eixo centro-sul. Cito como um dos mais estruturados o CEFLA - Centro de Estudos de Filosofia Latino-Americana, em Porto Alegre, coordenado pelo Prof. SÉRGIO MAR PINTO. O CEFLA tem ministrado vários cursos de extensão sobre a Filosofia da Libertação. Atualmente, neste ano de 1989, está organizando o I Congresso Nacional de Filosofia da Libertação, que deverá

* Ver em anexo, ao final deste artigo.

ser em agosto. Há a confirmação da presença de ENRIQUE DUSSEL e representantes do Uruguai, Chile, Argentina e Paraguai. O CEFLA também passou a editar a revista LIBERTAÇÃO/LIBERACIÓN, distribuída pela Vozes.

Atualmente, mais de 40 pesquisadores trabalham nessa área da libertação. À título informativo, podemos citar entre outros:

- . RS - Sérgio Mar Pinto, Sírio Velasco, Olírio Colombo (todos do CEFLA)
- . RJ - Olinto Pegoraro (UFRJ, SEAF e ANPOF)
- . MG - Bento Itamar Borges e Reinaldo Matias Fleuri (UFU)
- . PE - Walteir Silva e Giuseppe Stacconi (UFPE)
- . PB - Antonio Rufino Vieira, Marconi Pequeno, Geraldo Barboza, Alcides Melo (UFPB)
- . RN - Ruben G. Nunes (UFRN)
- . CE - Manfredo Oliveira (UFCE)

1.3. ALGUNS PRESSUPOSTOS BÁSICOS

Vamos colocar, agora, alguns pressupostos básicos que fundamentam o fazer filosófico da libertação. Esses pressupostos, de modo algum, pretendem abarcar a teorização da libertação - são apenas algumas indicações introdutórias condensadas a partir das obras de DUSSEL, de SERRANO CALDERA e de pesquisas e comunicações de pensadores brasileiros.

1. "o discurso filosófico não é um nível abstrato ou independente da existência humana; ao contrário, encontra-se inserido na totalidade da ação cotidiana."

2. A Filosofia Latino-Americana é um momento novo e analógico na História da Filosofia. É a quarta idade da filosofia e a primeira antropológica, ultrapassando e assumindo a fisio-logia grega, a teo-logia medieval, a logo-logia moderna.

3. A questão filosófico-política é a seguinte:
- . "Filosofia, ideologia política e aparatos hegemônicos ou contra-hegemônicos filosóficos são três momentos indivisíveis da história da filosofia."
 - . "não há libertação nacional . . . sem libertação social das classes oprimidas."
 - . "o desafio da América Latina impõe uma dupla condição: identidade e integração."
 - . superação dos populismos ingênuos e dos métodos imitativos de outras totalidades políticas.
 - . esclarecer as categorias políticas que permitam às nossas nações e classes dependentes libertar-se do sistema imperialista mundial.

4. O discurso filosófico da libertação não é um discurso xerocado de centro e de seus prolongamentos culturais dominadores (EUA, Rússia, Japão, China). "Toda a filosofia progressista no centro, quando é simplesmente repetida na periferia torna-se ideologia encobertadora" e faz o jogo da dominação, mesmo que seu discurso fale de liberdade. E isto tanto vale para a fenomenologia, para o existencialismo, o funcionalismo, quanto para a Teoria Crítica. O próprio marxismo, filosofia denunciadora e revolucionária, por excelência, pode-se tornar também uma simples ideologia encobertadora, uma pseudo-práxis crítica, caso "não redefina os seus princípios a partir da dependência", i.é, a partir da situação objetiva de dominação latino-americana.

5. Todo pensar anterior está inscrito numa TOTALIDADE ONTOLÓGICA, que nos tem cooptado, historicamente, fundada numa ontologia clássica e numa teoria crítica parcial e analítica. O discurso atual da libertação está inscrito no que DUSSEL chama de ALTERIDADE META-FÍSICA, quer dizer, num discurso que expõe seus fundamentos como uma outra TOTALIDADE, análoga à primeira, mas que se processa com diferenças insintetizáveis, em relação ao centro. A alteridade, ou a diferença, tanto aparece nas categorias físicas: meio, raças, etc; quanto nas catego-

rias meta-físicas: valores, idéias, cultura, consciência.

6. Há uma diferença teórico-prática entre revolução e libertação. Revolução é o momento exato, histórico, de ruptura; o fato da passagem a uma nova ordem. Libertação tem significado mais amplo e inclui:

- . os momentos pré-revolucionários;
- . a situação revolucionária;
- . a própria revolução;
- . a continuidade da revolução como processo construtor da nova ordem.

7. "A filosofia da libertação latino-americana pretende repensar toda a filosofia (desde a lógica ou a ontologia, até a estética ou a política) a partir do *outro*, o oprimido, o pobre: o não-ser, o bárbaro, o nada de "sentido". Para isso, é necessário formular as bases, os fundamentos, exigidos por uma *práxis revolucionária* e por uma *poiesis tecnológica*, segundo linhas metodológicas processivas. Eis algumas:

- a) o método dialético é o mais adequado para a apreensão das TOTALIDADES históricas; deve, no entanto, ser complementado com o método analógico a fim de que haja um critério lógico de mediação inter-totalidades;
- b) a nível de compreensão existencial e intra-totalidades, o método dialético, segundo alguns autores, se amplia até o nível da consciência, não como simples teoria, mas como ação intencional, ou práxis intencional, ou ainda, intenáxis. Isto significa que a relação viva do Homem com o Meio faz produzir uma seqüência de expectativas e atividades do tipo "necessidade-intenção-ação", que antecedem e forjam toda a teoria;
- c) distinguir o ser de qualquer TOTALIDADE de sua pretensa fundamentalidade eterna e divina;

- d) negar a religião fetichista (fanatismos);
- e) mostrar a ontologia como a ideologia das ideologias;
- f) desmascarar os funcionalismos - sejam estruturalistas, lógico-cientificistas ou matematizantes - que, ao pretenderem que a razão não pode criticar dialeticamente o todo, *afirmam-no como todo* e continuam operacionando analiticamente suas partes;
- g) descrever o sentido da práxis da libertação em cada campo de pesquisa ou atividade; sentido que somente os pós-hegelianos de esquerda alcançaram parcialmente e que somente pode ser revelado e apreendido compreensivamente pela práxis dos atuais povos oprimidos da periferia.

FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO E EDUCAÇÃO: A PEDAGÓGICA

Uma das categorias que fundamentam a Filosofia da Libertação é a que Dussel chama de PEDAGÓGICA.

Essa pedagógica não é só uma categoria meta-física, teórica, abstrata. Pelo contrário, ela é também uma atividade necessária nas relações de produção da vida do Homem.

Com efeito, no seu continuado processo histórico de instalação no Meio, o Homem trabalha e produz. Trabalha a natureza, transforma a natureza, produz objetos, produz relações, produz valores - enfim, produz cultura. A transmissão dessa "sopa cultural" é de inestimável utilidade à sobrevivência de outras gerações. Por sua vez, as novas gerações irão re-trabalhar todo o processo, partindo, porém, desse "gancho" anterior e atualizando-o segundo novas condições históricas específicas.

Ora, é justamente através de SISTEMAS PEDAGÓGICOS, i.é, de uma pedagógica, que o Homem transmite a cultura acumulada, que o Homem educa as novas gerações nas complexas tarefas de re-produção de sua vida. Desde a edu-

cação mais primitiva, como, por exemplo, polir uma pedra ou fazer um arco e flecha; até a educação mais complexa como, por exemplo, enviar um foguete a Marte ou programar computadores - o Homem se vale de métodos educativos ou sistemas pedagógicos próprios de aprendizagem. Por isso, por essa importância extraordinária da Educação e suas pedagogias, como instrumentos necessários de mediação no processo da vida social, é que qualquer Filosofia do Homem, qualquer política sobre o Homem situa a Educação como ponto básico - mesmo sem atentar para a categoria radical antropológica dinâmica que ela representa. Para a Filosofia da Libertação, então, a pedagógica é categoria basilar de transformações libertadoras - não por teorizações, não por estatísticas, não por fachadas políticas - mas pela sua dinamicidade que pode potencializar uma práxis revolucionária.

Nessa perspectiva, EDUCAR é, pois, fundamentalmente, um modo de conscientizar o Homem de seu processo de instalação histórica no meio, através de duas vertentes dialéticas - as experiências transmitidas e as novas realidades do Meio.

Em outras palavras: EDUCAR é um quefazer do tipo "*como trabalhar-com-o-outro para ser-com-o-outro*". Ora, o trabalhar, seja com o corpo, seja com o intelecto, seja trabalhar a natureza, seja trabalhar o social - só é autêntico, conforme já nos dizia Hegel na sua Fenomenologia do Espírito, como auto-realização, e isto significa a identificação da necessidade com a liberdade. Se não for assim, se for de qualquer outra forma, já não é mais um trabalho autêntico, um trabalho-em-liberdade. Ou seja, se o trabalho for um "trabalhar para" e não um "trabalhar-com", o ser produzido ou educado será um "ser-para", i.é, um ser dominado, alienado, oprimido.

A Filosofia da Libertação, atenta a essa problemática instalada na nossa realidade, tem expressado através de seus pensadores em educação, (cito aqui, por exemplo, o Dr. REINALDO FLEURI) que EDUCAR, no nosso contexto, passa a ser propriamente RE-EDUCAR, sendo que essa re-

educação se afigura como um processo sumamente complexo e diuturno. Trata-se de, num primeiro momento, arrancar as consciências do marasmo alienador e mantê-las vivas; em seguida, de estimular o impulso natural de auto-realização, de autonomia, de liberdade-com-o-outro.

Nesse contorno, então, é que se pode compreender quando se diz que a filosofia latino-americana, como pensar libertador, é, propriamente, uma PEDAGÓGICA que ativa uma re-educação, uma re-conscientização. Aqui a palavra-nervo, ou, se quiserem, o conceito-base para uma metodologia já expressa uma tarefa: "*trabalhar-com-o-outro*". Isto significa trabalhar compreendendo que nossa autonomia, nossa liberdade, nossa auto-realização só se efetiva na nossa sociabilidade plena, sem interferências externas, sem alienações opressoras. Nesse sentido, compreende-se a importância da relação mestre-discípulo - que é relação de enriquecimento mútuo, que é relação atenta e ativa de escuta-dupla da palavra do outro, também dominado. Cabem aqui as palavras de DUSSEL: "O FILÓSOFO, PARA SER O FUTURO MESTRE, DEVE COMEÇAR POR SER O DISCÍPULO ATUAL DO FUTURO DISCÍPULO".³ Que significam, realmente, estas palavras? Elas têm o significado vivo de "ouvir o povo", de auscultar o povo, de ser o povo, de viver o povo. Esta pedagógica, então, busca os elementos vivos que produzem a vida do povo e que são por este re-produzidos - suas necessidades básicas, seus valores (mesmo distorcidos ou alienados), seus conformismos, suas resistências, suas forças, seus trabalhos. E a partir deste "auscultamento", desse "ouvir pedagógico", ativar a consciência de libertação.

Aqui temos outra palavra-nervo ou conceito-base - que orienta uma metodologia de trabalho de libertação no campo da educação: é a *cultura popular*. Com efeito, "ouvir o povo", "viver o povo", significa estar imerso na cultura do povo. Assim, é necessário que o intelectual, o mestre, o filósofo-educador, nessa relação de mutualidade com o discípulo ou com o povo, apreenda a cultura

3. Enrique D. DUSSEL, *Método para uma filosofia da libertação*, p. 210.

popular autêntica. Sobre o valor da cultura popular para uma práxis de libertação, assim se expressa Dussel: "LONGE DE SER UMA CULTURA MENOR, É O NÚCLEO MAIS INCONTAMINADO E IRRADIATIVO DE RESISTÊNCIA DO OPRIMIDO CONTRA O OPRESSOR."⁴

A partir, então, desse núcleo incontaminado, dessa cultura produzida autenticamente pelo povo, é que se deve forjar a RE-EDUCAÇÃO, a re-conscientização, a PEDAGÓGICA DA LIBERTAÇÃO. É importante, porém, que não nos deixemos levar pelo espontaneísmo ingênuo. Eu explico: o povo sozinho, na sua generalidade dispersa, não pode se libertar. A produção de uma consciência da libertação se dá *via educação*: isto é, se dá por mediação, mutual, dinâmica, crítica, do intelectual. Lembremos que o sistema dominador impregnou e continua impregnando na cultura popular um verdadeiro tóxico cultural da alienação - a cultura de massas. É por isso que, para orientar todo esse re-educar, é necessária a consciência crítica do intelectual orgânico - curtida, tanto em aprofundados estudos dos mecanismos de dominação, quanto no contato vivo com o povo. E é, justamente, essa dialética do conhecimento, teórico-prática, que capacita o intelectual para essa relação pedagógica de produção de consciências críticas. Tal processo deve ser ativado, então, pelo intelectual, pelo filósofo-educador. E deve se efetivar na amplitude popular da sociedade civil - desde a escola, as associações urbanas, universidades, sindicatos, repartições, fábricas, até as comunidades rurais e os partidos críticos. Esse verdadeiro revolver de baixo para cima (do latim *subvertere*, subverter) é que vai arrancar do solo social a verdadeira consciência crítica do povo. Povo que vai compreender, então, o pior que tem de si, a cultura de massas introjetada pelo dominador; e o melhor que tem de si, sua própria cultura, autêntica, rica, mas tamponada, sufocada pela Totalidade dominadora. De tal compreensão dialética é que vão emergir as condições subjetivas para uma práxis da libertação.

4. Idem, *Filosofia da libertação na América Latina*, p. 100.

Resumindo.

Tracei, em linhas gerais, duas orientações metodológicas processivas que dão uma idéia de como se ligam a Educação de um povo dominado e a Filosofia da Libertação. A primeira é "*trabalhar-com-o-outro*", a solidariedade, a mutualidade, a alteridade, a proximidade, a afetividade. A segunda é "viver o povo" na sua autenticidade, "trabalhar-com" no espaço incontaminado da *cultura popular* viva, autêntica. Nesse processo se criam condições para uma "educação popular" que vise à práxis da libertação.

A Filosofia da Libertação, portanto, busca imprimir na Educação uma viragem de RE-EDUCAÇÃO, quer dizer, busca imprimir na Educação uma dinâmica de ruptura, subversiva, transformadora, de libertação. Nesse processo, a filosofia como fundamento e práxis, e o filósofo-educador como intelectual e militante, têm muito o que fazer.

Permitam-me terminar com recentes palavras de Paulo Freire colocando as diferenças entre uma prática educativa conservadora e uma prática educativa transformadora. Diz ele:

"A primeira procura *acomodar, adaptar* os educandos ao *mundo dado*; a segunda, *inquietar* os educandos, desafiando-os a perceberem que o *mundo dado* é um *mundo dando-se* e que, por isso mesmo, pode ser *mudado, transformado, reiventado*."⁵

BIBLIOGRAFIA

DUSSEL, Enrique D. *Filosofia da libertação na América Latina*. Rio de Janeiro, Loyola.

5. Revista Nova Escola, nº 30.

DUSSEL, Enrique D. *Método para uma filosofia da libertação*. Rio de Janeiro, Loyola.

CARTA DE GRAMADO

A Filosofia, desde seu surgimento na Grécia, manifestou-se como atividade intelectual que busca pensar o homem e sua realidade concreta.

Os grandes filósofos de todas as épocas traduziram suas preocupações antropológicas, sociais e políticas através de seus escritos e suas filosofias podem, perfeitamente, ser caracterizadas como "comprometidas" com uma realidade social, política e econômica historicamente identificada.

A Filosofia da Libertação, no contexto da Filosofia Latino-Americana, constitui uma corrente do pensamento filosófico que busca a reflexão crítica sobre a opressão do homem, a partir de uma perspectiva latino-americana.

Para a Filosofia da Libertação constituem questões fundamentais para a reflexão e ação:

- a) a situação de exploração e a dependência do terceiro mundo;
- b) a democracia;
- c) a educação;
- d) a justiça social;
- e) as situações de discriminação étnica, racial e sexual;
- f) a ecologia.

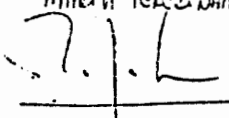
Nós, reunidos no 3º Encontro Nacional de Filosofia, em Gramado-RS, assumimos a tarefa de promover o desenvolvimento da Filosofia da Libertação a nível nacional, abrangendo a docência, pesquisa e fórum de debates, articulados com movimentos sociais comprometidos com a causa dos oprimidos.

Para tanto, resolvemos somar esforços, reunindo filósofos de todas as regiões do país, bem como efetivar

intercâmbio com todos aqueles que, em qualquer lugar do mundo, principalmente na América Latina, partilhem esse compromisso filosófico libertador.

GRAMADO (RS), 07 DE SETEMBRO DE 1988.

- 1010 Jose Carlos Bazzoli Pontificia Universidade Católica - RJ
- Luiz O Gómees Lopes - Jgneriz - Pontificia Universidade Católica - RJ
- ELINAR MARIA STRACKE - f/c - Pontificia Universidade Católica RJ
- Clea Albuquerque Pontificia Universidade Católica RJ
- MARIA TERESINHA CHAVES DA COSTA - RJ - Pontificia Univ Católica RJ - Uberlândia

 RUBEN GUEDES NUNES / COORDINADOR DO CURSO DE FILOSOFIA
UNIV. FCO. DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)

- Carmen Suly de M. Cavalcanti - Presidente do Centro Acadêmico de Filosofia - curso de graduação (UFRN)
- JERGIO CALDAS - Jgneriz - Univ. Católica de Pelotas - RS UCPel
- Anna Maria J. Sobral - Aluna do Pós-graduação FIC - RS
- José Siroffack ESTANISLAVOS e pró-graduando em Filosofia - PUCRS
- Maria Helena Juarez - Universidade Federal de Pelotas
- Otmar H. Schaefer. " " " "

Antonio Rufino Vieira - Jgneriz - Univ. Federal de Rio de Janeiro
Teucisro Alves de Costa - UFRN - Natal (RN).

Reinaldo Maria Fleury - UFU - Uberlândia (MG)

Walter José de Lillo - Universidade Federal de Pelotas
Renato Siliotto - ^{Uberlândia} Universidade de Minas - UFMG

JERGIO LUIS MAC PINTO - ^{Uberlândia} - CENTRO DE ESTUDOS DE FILOSOFIA LATINO-AMERICANA (CEFLA - FALCUM (RJ))

SIRIO LÓPEZ VELASCO - ^{Pelotas} - CENTRO DE ESTUDOS DE FILOSOFIA LATINO-AMERICANA (CEFLA), FALCUM
Jgneriz - ^{Pelotas} - Universidade Federal de Pelotas
coordenador do curso de Filosofia